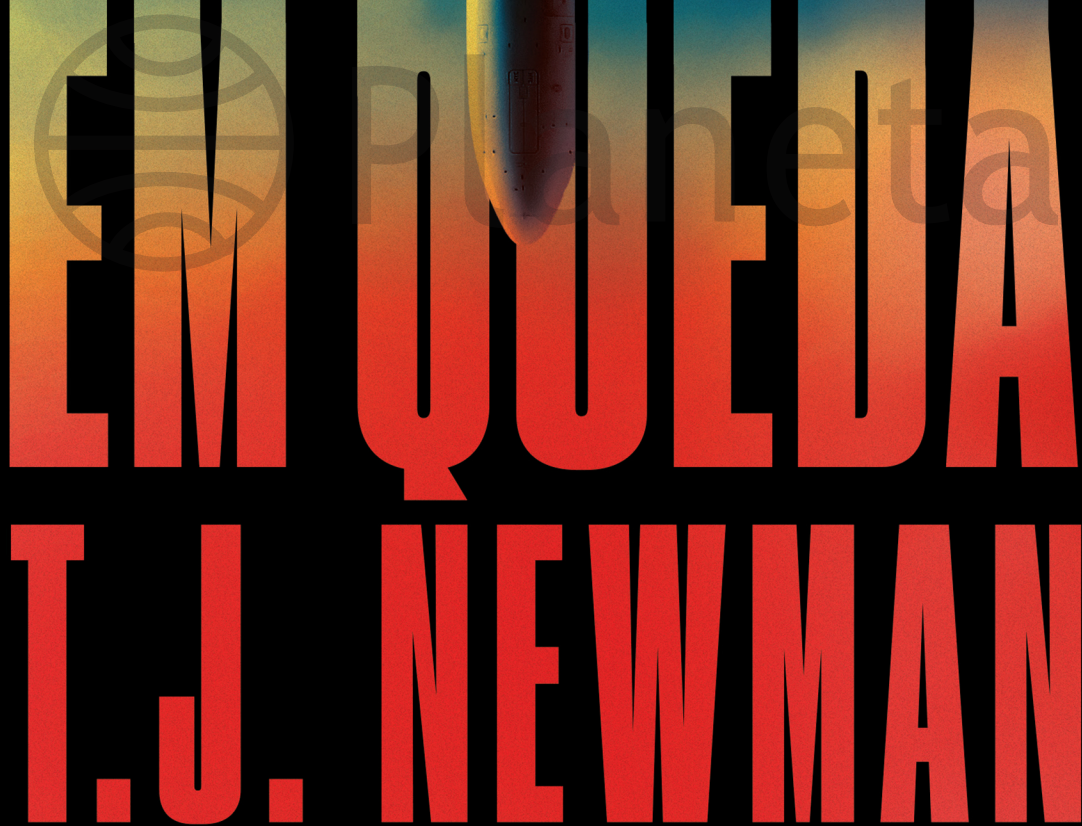


"Impressionante e implacável. É *Tubarão* a 35 mil pés de altitude."

- DON WILSON

"O melhor tipo de thriller que há... Suspense ininterrupto, totalmente autêntico."

- JAMES PATTERSON



EM QUEDA

T.J. NEWMAN

SE O PILOTO QUISER SALVAR SUA FAMÍLIA, TODOS OS PASSAGEIROS DESSE VOO DEVEM MORRER



Planeta

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

T.J. NEWMAN

EM QUEDA



Tradução
Marina Della Valle



TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

Copyright © T. J. Newman, 2021
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2021
Copyright © Marina Della Valle
Todos os direitos reservados.
Título original: *Falling*

Preparação: Andréa Bruno

Revisão: Laura Folgueira e Mariana Rimoli

Diagramação: Márcia Matos

Adaptação de capa: Jonatas Belan, a partir do projeto gráfico original de David Litman

Imagem de capa: Adrian Pingstone / Wikimedia Commons

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Newman, T. J.
Em queda / T. J. Newman; tradução de Marina Della Valle. -- São Paulo:
Planeta, 2021.
272 p.

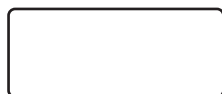
ISBN 978-65-5535-451-5
Título original: *Falling*

1. Ficção norte-americana I. Título II. Valle, Marina Della

21-2590

CDD 813.6

Índice para catálogo sistemático:
1. Ficção norte-americana



Ao escolher este livro, você está apoiando o
manejo responsável das florestas do mundo

2021

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.

Rua Bela Cintra, 986 – 4º andar

01415-002 – Consolação

São Paulo-SP

www.planetadelivros.com.br

faleconosco@editoraplaneta.com.br

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

Quando o sapato caiu no colo da mulher, o pé ainda estava dentro dele.

Berrando, ela o jogou para o alto. A massa sangrenta ficou suspensa no ar, sem peso, antes de ser sugada pelo buraco imenso na lateral do avião. No chão, ao lado de seu assento, uma comissária de bordo engatinhava pelo corredor, gritando para os passageiros colocarem as máscaras de oxigênio.

Da parte traseira do avião, Bill observava tudo.

A passageira do sapato claramente não podia ouvir o que a jovem comissária de bordo gritava. Provavelmente não ouvia nada desde a explosão. Fios finos de sangue desciam de ambas as orelhas.

A explosão jogara o corpo da comissária de bordo para o alto e, em seguida, de volta ao chão, onde sua cabeça, de cabelo castanho cacheado, bateu com um som surdo. Ela ficou imóvel por um segundo antes que o avião entrasse em um mergulho abrupto. Deslizando pelo corredor, a comissária tentou agarrar as barras de metal debaixo dos assentos dos passageiros. Conseguiu abraçar-se a uma, e seus braços chacoalhavam com o esforço enquanto ela tentava se erguer contra o ângulo descendente do avião. Quando se virou para o lado, seus pés flutuaram e balançaram no ar. Detritos voavam por todo o avião – papéis e roupas, um notebook, uma lata de refrigerante. Um cobertor de bebê. Era como o interior de um tornado.

Bill seguiu o olhar dela ao longo do avião – e viu o céu.

A luz do sol brilhava sobre eles, vinda de uma grande abertura que, trinta segundos antes, era a saída de emergência bem acima da asa. A outra comissária de bordo tinha acabado de passar por ali, recolhendo lixo.

Bill havia observado a comissária de bordo mais velha, ruiva, sorrir, pegar o copo vazio com a mão enluvada, colocá-lo no saco plástico

– e então ela simplesmente sumira, em um instante explosivo. A fileira inteira tinha sumido com ela. A lateral da aeronave tinha sumido. Bill abriu as pernas para se estabilizar enquanto o avião dava uma guinada da direita para a esquerda, parecendo incapaz de manter uma linha reta. *Claro, o leme*, pensou. Toda a cauda provavelmente estava danificada.

Acima da cabeça da comissária de bordo morena, um barulho re-bentou quando vários bagageiros se abriram. Bagagens caíram e foram jogadas violentamente pela aeronave. Uma mala rosa e grande com rodinhas disparou para a frente, sugada na direção do buraco. Atingiu o lado da fuselagem ao sair voando, arrancando um pedaço do revestimento da aeronave. As estruturas e as vigas de reforço criavam uma treliça de engenharia contra os céus. Além dos fios que silvavam faíscas amarelas e alaranjadas, nuvens pontuavam a vista. Bill apertou os olhos contra o sol.

O avião nivelou-se o suficiente para que a comissária de bordo no chão pudesse ficar de joelhos. Bill a viu lutando com um corpo que não cooperava. Ela conseguiu puxar a perna para a frente e viu o fêmur saindo da coxa. A mulher piscou algumas vezes ao ver a ferida ensanguentada e, então, continuou a rastejar.

— Máscaras! — ela gritou, arrastando-se pelo corredor, a voz mal sendo ouvida acima do rugido ensurdecedor do vento. Ela ergueu os olhos para um homem que pegava as máscaras de oxigênio. Ele segurou uma e tentou colocar sobre o rosto, mas uma rajada de vento a arrancou de seus dedos, enquanto plástico e tiras de elástico debatiam-se.

Fumaça cinzenta afogava a cabine em um nevoeiro rodopiante de detritos e caos. Uma garrafa de água de metal voou pelo ar, golpeando o rosto da comissária que rastejava. Começou a jorrar sangue do nariz dela.

— Ele levou um tiro! Meu marido! Socorro!

Bill olhou para a mulher que batia os punhos no torso sem vida do marido. Dois pequenos círculos na testa dele derramavam vermelho sobre os olhos, descendo pelas bochechas. A comissária de bordo tirou os cachos de cabelo do rosto ao subir no descanso de braço para olhar mais de perto.

Não eram balas. Eram rebites do avião.

O avião vibrava violentamente, e o assoalho começou a ceder. Bill conseguia sentir tudo movendo-se debaixo de si. Ele se perguntava se a carcaça resistiria. Perguntava-se quanto tempo ainda restava a todos ali.

A comissária de bordo voltou a rastejar, colocando a mão sobre uma mancha escura no carpete no mesmo momento em que Bill sentiu o cheiro da urina. A comissária olhou para o homem no assento do corredor. Ele olhava em estado de choque, a poça espalhando-se debaixo de seus pés.

— Gelo — alguém gemeu.

A comissária se virou. Bill viu a passageira do outro lado do corredor estender as mãos para a jovem, segurando um pedaço carnudo de algo. A comissária se encolheu. O queixo e o pescoço da passageira, que olhava para cima, estavam pintados de vermelho.

— Gelo — ela repetiu, com uma onda de sangue saindo-lhe da boca. Era a língua dela.

Bill olhou por cima do ombro para a parede escura, vendo o cordão do interfone debater-se no vento enquanto a comissária de bordo se arrastava até ele. Ele olhou para o outro lado da *galley*.¹ A terceira comissária de bordo estava dobrada no chão, uma caixa de suco caída ao seu lado. Bill virou a cabeça para o lado, enquanto os gorgolejos laranja se misturavam com a poça vermelha em torno do corpo dela.

A morena por fim se arrastou até o fim do corredor, esmagando contra o uniforme pacotes de açúcar e minibiscoitos de água e sal. Ela estendeu a mão, mas a puxou rapidamente de volta.

Um par de sapatos sociais pretos bloqueava o caminho.

A comissária de bordo olhou para cima. Deitada aos pés de Bill, ferida e ensanguentada, ela abriu a boca, mas nenhuma palavra saiu. A gravata de Bill agitava-se no vento. O som das turbinas gritava para os dois, desejando que algo, qualquer coisa, acontecesse.

— Mas... se você... — a comissária de bordo gaguejou, levantando os olhos para Bill, com a traição estampada no rosto. — Quem está no controle do avião, comandante Hoffman?

Bill aspirou profundamente para falar, mas não conseguiu.

Ele olhou para o outro lado do avião, para a porta fechada da cabine. *Ele deveria estar do outro lado.*

Bill pulou por cima da comissária de bordo, disparando pelo corredor na direção da parte dianteira da aeronave. Ele corria o mais rápido que

1. Área das aeronaves em que os comissários executam suas funções, como preparação do serviço de bordo e armazenamento de alimentos e bebidas. (N. E.)

podia, mas a porta parecia se mover para mais longe quanto mais ele corria. Ao redor, pessoas gritavam, implorando que Bill parasse e as ajudasse. Ele continuou correndo. A porta continuou se afastando. Ele fechou os olhos.

Seu corpo bateu na porta sem aviso, o crânio golpeando a superfície impenetrável. As mãos aninharam a cabeça enquanto ele cambaleava para trás. Zonzo, tentava descobrir como poderia abrir a cabine lacrada, mas nem uma só ideia lhe veio à mente. Ele esmurrou a porta até que os punhos ficassem dormentes.

Hiperventilando, deu um passo para trás para chutá-la quando ouviu um clique.

A porta se destrancou e abriu. Bill correu para dentro.

Botões piscavam alertas vermelhos e âmbar em quase todas as superfícies da cabine de comando. Um alarme alto, incessante, guinchava, o barulho estridente intensificando-se no espaço minúsculo. Ele se sentou em seu lugar à esquerda, o assento do comandante.

Bill lutou para se concentrar no monitor diante de si, enquanto os movimentos bruscos do avião faziam os números dispararem. O vermelho o seguia para onde quer que olhasse. Cada botão, cada seletor, cada tela gritava para ele.

Através da janela, o chão ficava cada vez mais próximo.

Ao trabalho, Bill ordenou a si mesmo.

Suas mãos se esticaram diante dele.

Congeladas.

Droga, você é o comandante. Precisa tomar uma decisão. Seu tempo está acabando.

Os alarmes ficaram mais altos. Uma voz robótica ordenava repetidamente que ele subisse a aeronave.

— E o impulso assimétrico?

Bill virou a cabeça. Do assento do copiloto, Scott, seu filho de dez anos, encolheu os ombros. Ele usava seu pijama de sistema solar. Seus pés não tocavam o chão.

— Você poderia tentar — o menino acrescentou.

Bill olhou novamente para as mãos. Seus dedos se recusavam a se mover. Apenas pendiam no ar.

— Tá bom, então. Faça do jeito mais difícil. Mergulhe e use a velocidade para manter uma linha reta.

Bill se virou de novo e viu a esposa reclinada no assento. De braços cruzados, ela lhe lançava aquele sorrisinho malicioso. Aquele que usava quando ambos sabiam que ela estava certa. Caramba, como ela era maravilhosa.

O suor descia por seu pescoço enquanto ele lutava para se mover e partir para a ação. Mas ele permaneceu paralisado de medo. Morrendo de medo de tomar a decisão errada.

Carrie colocou o cabelo atrás de uma orelha ao se inclinar, pousando a mão no joelho do marido.

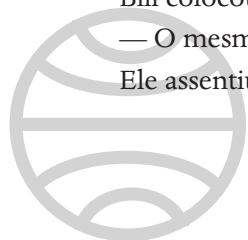
— Bill, está na hora.

Ele arquejou buscando ar enquanto seu corpo se levantava. O luar atravessava a abertura nas cortinas e traçava uma linha na cama *king-size*. Ele perscrutou o quarto atrás de luzes piscando. Tentou escutar alarmes, mas ouviu apenas o cachorro de um vizinho latindo lá fora.

Bill colocou o rosto nas mãos e soltou o ar profundamente.

— O mesmo? — Carrie perguntou do outro lado da cama.

Ele assentiu no escuro.



Planeta

CAPÍTULO 1

Chacoalhando o edredom, Carrie alisou as dobras com a mão. Uma lufada de cheiro de grama recém-cortada atraindo seu olhar para a janela aberta. O vizinho do outro lado da rua limpou o rosto com a barra da camiseta antes de fechar com uma pancada a lata de lixo cheia de grama cortada. Arrastando a lata para o quintal, ele acenou para um carro que passava, enquanto a música alta ficava mais fraca conforme o veículo seguia. Atrás de Carrie, no banheiro, o chuveiro foi desligado.

Carrie saiu do quarto.

— Mãe, posso ir lá fora?

Scott estava no pé da escada segurando um carrinho de controle remoto.

— Cadê sua... — disse Carrie, descendo.

A bebê entrou engatinhando no cômodo, fazendo barulho com os lábios. Chegando perto do irmão, Elise se agarrou aos shorts dele e se levantou, o corpinho balançando ligeiramente enquanto tentava se equilibrar.

— Certo, você levou o prato para a pia?

— Levei.

— Então pode, mas só por dez minutos. Volte antes que seu pai saia, tá?

O menino assentiu e correu em direção à porta.

— Não! — Carrie gritou atrás dele, encaixando Elise no quadril.
— Sapatos.

A “surpresa” de um bebê, dez anos depois do primeiro filho, havia sido desnorteante no início. Porém, conforme a família de três aprendia a lidar com mais um, Bill e Carrie acabaram entendendo que, com a diferença de idade, o irmão mais velho poderia ajudar em pequenas coisas, como olhar-a-bebê-enquanto-me-visto-e-arrumo-a-cama. Tudo se tornou mais gerenciável depois disso.

Carrie limpava restos de batata-doce e abacate da cadeirinha de bebê quando ouviu a porta da frente se abrir.

— Mãe? — gritou Scott, com um tom alarmante.

Correndo em direção ao filho, Carrie viu Scott encarando um homem que ela não conhecia. O estranho na varanda tinha uma aparência assustada e a mão havia parado a caminho da campainha.

— Oi — cumprimentou Carrie, colocando a bebê do outro lado do corpo ao se mover e se posicionar discretamente entre o filho e o homem. — Posso ajudá-lo?

— Sou da CalCom — disse o homem. — Você chamou a assistência técnica para cuidar da sua internet?

— Ah! — ela exclamou, abrindo mais a porta. — Claro, entre. — Carrie teve vergonha de sua reação inicial e torceu para que o homem não tivesse percebido. — Desculpe. Nunca vi a assistência chegar no horário, muito menos com antecedência. Scott! — gritou, vendo que o filho já estava na calçada. — Dez minutos. — Assentindo, o menino saiu correndo. — Sou a Carrie — disse, fechando a porta.

O técnico colocou a bolsa de equipamentos no chão da entrada da casa, e Carrie o viu observar a sala de estar. Pé-direito alto e uma escadaria para o segundo andar. Móveis de bom gosto e flores frescas na mesinha de café. Na cornija da lareira, fotos da família ao longo dos anos, a mais recente tirada na praia durante o pôr do sol. Scott era uma miniatura de Carrie, o mesmo cabelo cor de chocolate sendo soprado pela brisa do mar, os olhos verdes apertados por causa dos sorrisos largos. Bill, quase trinta centímetros mais alto que Carrie, segurava uma então recém-nascida Elise, cuja pele de bebê imaculada contrastava com o bronzeado do sul da Califórnia do pai. O homem da assistência técnica se virou com um pequeno sorriso.

— Sam — ele disse.

— Sam — ela repetiu, retribuindo o sorriso. — Aceita algo para beber antes de começar? Estava indo fazer uma xícara de chá para mim.

— Adoraria uma, na verdade. Obrigado.

Ela o levou para o outro cômodo, iluminado e preenchido pela luz natural. A cozinha que se abria para um cômodo anexo, salpicado de brinquedos.

— Obrigada por vir em um sábado. — Carrie sentou a bebê na cadeirinha novamente. Batendo as mãos na mesa, Elise riu com um sorriso de poucos dentes. — Foi o único horário que consegui para as próximas semanas.

— É, estamos bem sobrecarregados. Há quanto tempo está sem internet?
— Desde anteontem, acho — ela disse, enchendo a chaleira de água.
— Chá-preto ou verde?
— Chá-preto, obrigado.
— É normal — perguntou Carrie, vendo a chama piloto transformar-se em fogo alto — só a nossa casa ter problemas? Perguntei para alguns vizinhos que também têm CalCom e a internet deles não falhou.
Sam deu de ombros.
— É normal. Pode ser seu roteador, talvez a fiação. Vou usar o programa de diagnósticos para checar.

Passos pesados desceram a escada até o hall de entrada. Carrie conhecia bem os sons que se seguiram: uma mala e uma bolsa a tiracolo colocadas no chão, seguidas de sapatos de sola dura cruzando o hall. Em um punhado de passos, ele estava na cozinha, de sapatos sociais pretos polidos, calças bem passadas, terno e gravata. Asas acima do bolso do peito mostravam o emblema da Coastal Airways e BILL HOFFMAN bordado com destaque. Outro par adornava a frente do quepe com barra dourada que ele colocara suavemente sobre o balcão. Sua entrada na cozinha pareceu estranhamente dramática, e Carrie notou como a aura de autoridade dele contrastava com o restante da casa. Ela nunca havia notado isso; afinal, não era como se ele fosse jantar todo dia de uniforme. E provavelmente era apenas porque havia outra pessoa no cômodo, um homem que não o conhecia, não conhecia a família deles. Mas, qualquer que fosse a razão, naquele dia, era perceptível.

Bill colocou as mãos nos bolsos com um aceno educado para o técnico antes de voltar a atenção para Carrie.

Com os lábios apertados e os braços cruzados, ela olhou de volta.

— Sam, você se importaria...

— Claro, eu, hã, vou configurar — disse Sam a Carrie, deixando o casal sozinho.

O relógio na parede marcava os segundos. A bebê Elise batia um anel mordedor coberto de baba no tampo, até que o objeto escorregou de seus dedos e caiu no chão. Bill atravessou a cozinha e o pegou, enxugando-o na torneira e enxugando em seguida com um pano de prato, antes de devolvê-lo para as mãos ansiosas da filha. Atrás de Carrie, a chaleira começou a assobiar suavemente.

— Vou chamar você no FaceTime quando chegar ao hotel, para saber do jogo...

— Nova York, certo? — Carrie o interrompeu.

Bill assentiu.

— Nova York hoje à noite, Portland amanhã e...

— Tem uma festa do time na pizzaria depois do jogo. Com a diferença de três horas no fuso horário, você vai estar dormindo antes de voltarmos.

— Certo. Então a primeira coisa que...

— Vamos encontrar minha irmã e as crianças amanhã de manhã — ela disse, dando de ombros. — Aí, vemos.

Bill se endireitou, inspirando profundamente, e as quatro listras douradas de suas dragonas subiram junto com os ombros.

— Sabe que precisei dizer sim. Se qualquer outra pessoa tivesse pedido, eu não teria aceitado.

Carrie olhou para o chão. A chaleira começou a chiar e ela desligou a boca do fogão. O barulho suavizou-se gradualmente até que havia apenas o ruído do relógio de novo.

Bill checou o horário, praguejando baixo. Dando um beijo no topo da cabeça da filha, ele disse:

— Vou me atrasar.

— Você nunca se atrasou — respondeu Carrie.

Ele colocou o quepe.

— Telefone depois de fazer o check-in. Onde está o Scott?

— Lá fora, brincando. Já deve estar voltando para se despedir.

Era um teste, e ela sabia que Bill sabia. Carrie o encarou do outro lado da linha invisível que ela havia traçado. Ele olhou para o relógio.

— Eu ligo antes da decolagem — disse Bill, saindo do cômodo.

Carrie o observou sair.

A porta da frente se abriu e fechou alguns momentos depois. Um silêncio dominou a casa. Indo até a pia, Carrie olhou as folhas do carvalho no jardim, voejando na brisa. A distância, viu o carro de Bill dar a partida e sair.

Atrás dela, alguém pigarreou. Esfregando o rosto com pressa, ela se virou.

— Desculpe por isso — ela disse a Sam, virando os olhos com vergonha.

— Enfim. Você disse chá-preto.

Abrindo o saquinho de chá, ela o colocou em uma caneca. Subiu vapor da chaleira quando ela serviu a água quente.

— Quer leite e açúcar?

Quando ele não respondeu, ela olhou para trás.

O homem parecia surpreso com a reação dela. Provavelmente imaginara que Carrie fosse gritar. Talvez derrubar a xícara. Começar a chorar, quem sabe? *Algum* tipo de drama ele certamente esperava. Quando uma mulher, sozinha em casa, na própria cozinha, vira e encontra um homem que conheceu havia meros minutos apontando-lhe uma arma, pareceria natural que tivesse uma reação intensa.

Carrie percebeu que seus próprios olhos se arregalaram, reflexivamente, como se seu cérebro precisasse absorver mais da cena para confirmar que aquilo estava de fato acontecendo.

Ele estreitou os olhos, como se dissesse: *jura?*

As batidas do coração de Carrie ressoavam em seus ouvidos, enquanto um torpor frio descia do início da espinha até a parte de trás dos joelhos. Era como se seu corpo inteiro e toda a sua existência estivessem reduzidos a nada além de uma sensação de zumbido.

Mas Carrie não precisava revelar isso a ele. Ela ignorou a arma e se concentrou no homem, sem demonstrar nada.

Fazendo bico e balbuciando, Elise jogou o mordedor de volta ao chão, com um gritinho. Sam deu um passo em direção à bebê. Carrie sentiu as narinas alargando-se involuntariamente.

— Sam — ela disse, calma e lentamente. — Não sei o que você quer. Mas é seu. Qualquer coisa. Faço o que for. Apenas, por favor... — A voz dela falhou. — Por favor, não machuque meus filhos.

A porta da frente se abriu e fechou com uma batida. O pânico fechou a garganta de Carrie e ela tomou fôlego para gritar. Sam engatilhou a arma.

— Mãe, o papai foi embora? — Scott gritou do outro cômodo. — O carro dele não está aqui. Posso continuar brincando?

— Diga a ele para vir aqui — disse Sam.

Carrie mordeu o lábio inferior.

— Mãe? — repetiu Scott, com impaciência pueril.

— Estou na cozinha — Carrie disse, fechando os olhos. — Venha aqui bem rápido, Scott.

— Mãe, posso ficar lá fora? Você disse que eu podia...

Scott congelou quando viu a arma. Ele olhou para a mãe, depois para a arma e então de volta para a mãe.

— Scott — Carrie disse, fazendo um gesto para ele.

O menino não tirou os olhos da arma de fogo ao atravessar a cozinha na direção da mãe. Ela o colocou atrás de seu corpo de forma deliberada.

— Seus filhos podem ficar bem — falou Sam. — Ou não. Mas isso não depende de mim.

As narinas de Carrie se alargaram de novo.

— Depende de quem?

Sam sorriu.

Bill podia sentir as pessoas observando-o.

Era o uniforme. Tinha aquele efeito. Ele ficava um pouco mais alto.

Bill era muitas coisas, mas o consenso parecia ser que ele era, antes de mais nada, *legal*. Professores e treinadores, enquanto crescia, as garotas que namorou, os pais dos amigos. Todos conheciam Bill como o cara legal. Não que ele se importasse. Ele *era* legal. Mas, quando vestia o uniforme, algo mudava. *Legal* não era a descrição-padrão. Ainda entrava na lista, mas não era a única palavra nela.

Cabeças de passageiros se levantavam enquanto ele cortava a fila sem fim da segurança do Aeroporto Internacional de Los Angeles, mas apenas uma olhada para o quepe e para a gravata já bastava para dissolver a indignação com o tamanho da fila em curiosidade. As pessoas já não se vestiam mais daquela maneira. Aquela vestimenta as levava de volta a um tempo em que viagens aéreas eram um privilégio raro, um grande acontecimento. Propositamente inalterado, o uniforme mantinha viva certa mística antiquada. Evocava respeito. Proclamava um senso de responsabilidade.

Bill se aproximou da agente solitária da Agência de Segurança de Transportes, sentada em uma pequena plataforma discretamente ao lado da segurança dos passageiros. Lendo o código de barras no verso de seu crachá, a máquina fez um som de bipe, e o computador começou a trabalhar.

— Bom dia — disse Bill, entregando o passaporte à mulher.

— Ainda é manhã? — ela respondeu, analisando a informação impressa ao lado da foto dele.

Comparando-a com a informação no crachá, ela deslizou o passaporte sob uma luz azul, fazendo aparecer hologramas e impressões ocultas nos espaços em branco do documento. Olhando para cima, ela verificou que o rosto à sua frente era o mesmo do que estava na identificação.

— Acho que não é tecnicamente “manhã” — disse Bill. — Apenas para mim.

— Bem, é minha sexta-feira. Então o dia precisa passar bem rápido.

A informação e a foto do crachá de Bill apareceram na tela do computador. Depois de checar três vezes as três formas de identificação, ela devolveu o passaporte a ele.

— Tenha um bom voo, sr. Hoffman.

Deixando a área em que era feita a verificação de segurança para as tripulações, Bill passou pelos passageiros, que enfiavam de novo seus sapatos e recolocavam líquidos e computadores nas bolsas de mão. Na última viagem, Bill voara com uma comissária de bordo que se recusava a se aposentar, simplesmente porque não queria perder os privilégios de segurança que tinha como parte da tripulação. Ela torcia o nariz para a ideia de precisar viajar como uma mera mortal; esperar na fila, restrições de líquidos, limite de duas bolsas de mão – que seriam examinadas a cada vez que ela voasse, não apenas ocasionalmente, de modo aleatório. Observando agora um homem de meias sendo apalpado pelos seguranças, Bill precisou admitir que ela tinha razão.

Aproveitando a privacidade de um portão vazio, Bill ligou para casa, como prometera. Um caminhão de entrega de comida ia de um lado para o outro lá fora, na pista, enquanto trabalhadores de coletes néon descarregavam e colocavam bolsas no compartimento de bagagem. Bill ouviu tocar e tocar do outro lado da linha. Uma aeronave taxiou para a pista, e outra decolou.

Ele e Carrie não brigavam com frequência e, por isso, eram muito ruins em lidar com uma briga quando ela acontecia. Ela tinha todo direito de estar chateada. Era a estreia de Scott na temporada da Liga Juvenil, e Bill tinha prometido a ele que estaria lá. Ele garantiu que não haveria viagens em sua linha tanto no dia do jogo quanto nos dias anteriores e posteriores. Mas, quando o comandante telefona para pedir que você pilote um trecho, e faz isso dizendo ser um favor pessoal, não tem como dizer não. Você não *pode* dizer não. Bill era o terceiro piloto

mais experiente em atividade. Quando era um recém-contratado, ninguém tinha certeza de que a companhia fosse vingar. Novas companhias aéreas raramente vingam. Apesar disso, ele continuou. E agora, quase vinte e cinco anos depois, a companhia aérea era um sucesso total tanto com os passageiros quanto com os acionistas. A Coastal era sua cria. Então, quando o chefe fala que a operação precisa de você, você diz sim. Dizer não nem é uma opção.

Era o que ele explicara a Carrie. Mas ele não contou a ela que o jogo de Scott sequer passou por sua cabeça quando O'Malley perguntou se ele estava disponível. Ou que, mesmo se tivesse passado, não teria feito diferença.

O telefone tocou e tocou antes de finalmente: "Oi! Você ligou para a Carrie. Não posso...". Desligando, ele viu a foto de sua família aparecer na tela inicial do celular antes de colocá-lo no bolso.

Vislumbrando seu reflexo na janela, Bill examinou o cabelo escuro, volumoso. Um grisalho traiçoeiro salpicava suas têmporas. Seus olhos eram de um azul profundo, brilhante.

Bill bateu na sineta no meio da mesinha de café.

— Olhos. Meus olhos.

— Resposta final? É para ganhar.

— Ela disse que eles são como nadar à noite. Quando não dá para ver o fundo. Mas ainda assim é empolgante. Então, sim. Meus olhos. Resposta final.

Carrie ficou de boca aberta.

Bill se inclinou para a frente. Ele sentia o cheiro de cerveja no próprio hálito.

— Ouvi você falar isso para uma amiga no telefone uma vez. Mas eu nunca lhe contei. Eu te amo tanto, linda.

Ele soprou um beijo para Carrie.

As esposas celebraram, os maridos provocaram.

— Certo, Carrie — disse o anfitrião. — Os olhos dele. Qual é sua resposta para: "Qual é a sua parte favorita de seu marido?"?

As bochechas dela se avermelharam. Com um risinho, ela levantou um pedaço de papel com a resposta dela escrita: "a bunda dele".

O cômodo explodiu. Bill riu mais do que todos.

Ele arrumou a gravata. *Sou um bom homem*, recordava a si mesmo sem vacilar. Sua mente vislumbrou o olhar de desapontamento de Carrie quando ele saiu da cozinha. Ele piscou, olhando para longe, seguindo um avião que decolava.

